

AO: Artigo de Opinião



A China

A China tem quase 9600 000 km² (terceiro maior do mundo, depois da Rússia e do Canadá). Um espaço partilhado por mais de 1,3 biliões de pessoas, rico na sua diversidade étnica, cultural, religiosa e linguística. A China manteve historicamente uma postura continentalista, *virada para dentro*, para a resolução dos seus problemas internos, por o país ser difícil de governar. Apesar de igualmente dominante na sua geopolítica regional, ao rivalizar sobre a Ásia Oriental com o Japão e agora também com a Índia.

A China não é favorável às entradas do Japão ou da Índia no Conselho de Segurança da ONU como membros permanentes (EUA, França, Grã-Bretanha, Rússia e China já o são). As rivalidades entre potências bloqueiam a entrada dos quatro principais candidatos (a Alemanha, o Brasil, a Índia e o Japão). Mesmo quando a China declara publicamente apoio a reivindicações individuais e à reforma da ONU, na prática não se compromete a fazê-lo.

O realismo político reina na diplomacia chinesa, ao visar os mais altos interesses estratégicos do Estado e salvaguarda do seu poder.

Geoeconomia chinesa. Veja-se que a Presidente brasileira Dilma Rousseff visitou a China a 13 de Abril último para fomentar o comércio bilateral mas foi o seu homólogo Hu Jintao que aproveitou para assinar dois negócios significativos para a China.

1) entrada em força no setor financeiro do Brasil, a maior economia emergente da América Latina, ao assinar acordo de investimento do *Industrial and commercial Bank of China*, considerado o maior banco do mundo em termos de capitalização, o qual se junta ao Banco da China que já opera em território brasileiro desde 2009.

2) assegurar a união e a soberania chinesas sobre Taiwan, ao acordar no Brasil um mega investimento a favor de uma empresa da ilha Formosa, a Foxconn, que fabrica produtos da Apple na China.

A china tem obtido, de facto, grandes vitórias externas nos últimos anos. Maior prestígio mundial e menos pressão sobre as suas vulnerabilidades. Inclusive o tema dos direitos humanos, silenciado pela força da liquidez do capital chinês que tem ajudado muitos países a minorar os efeitos da crise financeira internacional desde 2008.

Geoestratégia chinesa. Os objetivos da sua estratégia nacional são proteger a soberania, a segurança e a unidade nacionais da China. É fiel à filosofia de Confúcio e à estratégia de Sun Tzu. Assume-se publicamente defensora de uma estratégia nacional pacifista, não expansionista e não intervencionista (aqui se inclui uma crítica às posturas da Grã-bretanha, da França e dos EUA na Líbia, por exemplo).

A china nunca brinca em serviço nem perde uma oportunidade. As vitórias na política externa têm repercussões internas. Por exemplo, no combate o separatismo da China. A China não reconhece independência a Taiwan ou ao Tibete. São consideradas ameaças à estabilidade e à segurança do país, que não respeitam a soberania e a união da grande China. A qual se afirma pacifista, defensiva e sempre a velar pela manutenção da harmonia social e da estabilidade nacional.

A china está consciente que o mundo mudou. As suas prioridades são os recursos energéticos (dívida externa em petrodólares). Almeja uma alternativa ao dólar dos EUA como moeda de referência do mercado financeiro internacional (aproveita as Cimeiras dos BRIC para o discutir). E manter algum controlo neste mundo globalizado e interdependente, de partilha diária e contínua de informação (Internet, redes sociais, telemóveis, intercâmbios estudantis no estrangeiro).

Duas notas finais. Por um lado, terra, capital e trabalho são três fatores de produção. Os impérios antigos dominavam pela conquista da terra. Os impérios atuais dominam pelo capital. Mas a China trouxe uma nova variável à equação. Está a mudar o paradigma introduzido pela Grã-Bretanha durante a Revolução Industrial. De facto, a população chinesa, como força de trabalho, tem sido exportada para o mundo inteiro como resposta à incapacidade do mercado chinês absorver as multidões. O que terá implicações sérias nos próximos anos no mundo, onde estas ainda não são visíveis.

Por outro lado, a China tem apostado fortemente no investimento externo. A União Europeia e dos EUA vão pagar a fatura daqui a uns anos, pois a China não dá nada sem contrapartidas. A China veio para ficar.

A política externa dos EUA ainda aquece a água demasiado rápido, o que faz saltar a rã para não se queimar. Mas a China aquece a água bem devagar e a rã continua a sentir-se confortável dentro da tina aquecida. Se um dia a água ficar demasiado quente, a rã ainda conseguirá saltar?